

BID espera que a economia brasileira cresça 5% em 93

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os dados referentes ao Brasil registrados no informe “Progresso econômico e social na América Latina em 1992”, que será divulgado hoje pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), são pessimistas. A economia teve uma queda de 1% naquele ano. Mas a perspectiva para 93 é extraordinariamente melhor: o Brasil deverá crescer 5%, o que levou o presidente do BID, Enrique Iglesias, a fazer uma projeção bastante positiva para o futuro do país, ao antecipar cópias do estudo a um grupo de jornalistas.

— Eu acho que devemos olhar para o “lado real” do Brasil: as exportações chegarão a US\$ 40 bilhões, as reservas são de US\$ 25 bilhões, os investimentos internos são grandes. Há problemas financeiros e fiscais, mas acho que o país está adotando

RETRATO DO BRASIL NO ANO PASSADO	
População	154.105.000
Crescimento anual médio da população	2%
Crescimento da população na zona rural	22,7%
Densidade (pessoas por km ²)	18,2
Índice de natalidade (por mil pessoas)	24
Mortalidade infantil (por mil)	58
Índice geral de mortalidade (por mil)	7,5
Expectativa de vida	66 anos
Analfabetismo	18,9%

medidas muito fortes para combatê-los. O Governo conhece bem os elementos desse jogo e está muito consciente; e eu confio no Brasil — disse Iglesias.

Em 92, a renda per capita caiu pelo terceiro ano consecutivo, refletindo, segundo o estudo, “a

política de juros altos adotada para combater uma inflação crescente, causada basicamente pelo grande desequilíbrio fiscal”. Para o BID, ficou óbvio em 92 que “a política monetária, por si só, não seria suficiente para reverter as expectativas inflacio-

nárias”.

O nível de emprego chegou a ser 9% menor que em 85. Um quinto da população economicamente ativa se viu obrigado a ganhar a vida em bicos, na economia subterrânea. O grande fluxo de capital externo que entrou no Brasil em 92 (US\$ 8,8 bilhões) “complicou o gerenciamento monetário”: quase três quartos do aumento de 996% da base monetária se deveu ao crescimento das reservas.

Em maio passado, o BID considerava nebulosa a perspectiva de médio prazo: as medidas contra a inflação não saiam do papel, não havia uma ampla reforma fiscal e o apoio político permanecia muito frágil. Mas agora Iglesias notou uma “melhora consistente”. O mais importante, disse ele, foi ter percebido que as autoridades econômicas começaram a encontrar eco na sociedade: todos perceberam que é preciso fazer alguma coisa — “e começaram a fazê-la”.